

PROJETO: IMERSÃO POR UM DIA – UMA METODOLOGIA PARA A PRÁTICA DA IMERSÃO

Fábio José de Abreu Moura (Autor); Maria Carolliny de Oliveira Silva (Co-autora).

Universidade de Pernambuco – fabiojosedebreumoura@hotmail.com;

Universidade de Pernambuco – mariacarolliny@hotmail.com

Resumo: Este artigo busca apresentar uma metodologia utilizada para a prática da imersão de língua estrangeira em sala de aula. Através da pesquisa realizada, objetivou-se analisar a prática da imersão sem a necessidade de viajar para outro país, assim como proporcionar, aos alunos, maior confiança quando sujeitos a utilizar o novo idioma. A metodologia utilizada foi dividida em três etapas: o pré-projeto – onde houve a necessidade de pré-elaborar artifícios, cuja aplicação fora dada posteriormente; o período “durante o projeto” – o qual foi esquematizado por um plano de aula, visando arquitetá-lo num passo a passo; e o pós projeto – momento de maior relevância para a pesquisa, onde recolheram-se as informações, opiniões e resultados, sendo cada um deles de suma importância para realizá-lo com eficácia. Os alunos submetidos à esta prática faziam parte do Programa Ganhe o Mundo: projeto da rede estadual de ensino do estado de Pernambuco, o qual possibilita a seus estudantes a aquisição de uma segunda língua. Em suma, por meio deste trabalho, busca-se incentivar novas práticas pedagógicas, visando a quebra de estigmas existentes quanto ao ensino-aprendizagem de línguas.

Palavras-chave: Imersão, projeto, língua estrangeira.

1. INTRODUÇÃO

Os benefícios de possuir fluência numa língua além da materna podem praticamente definir o futuro de um cidadão. Vários são os métodos utilizados para alcançar a proficiência em línguas estrangeiras, um deles é através da prática da imersão.

Quando se ouve falar em imersão, logo vem à mente “viajar para outro país e conviver com nativos da língua”. Esta concepção está correta, mas não é absoluta. Esse trabalho prova que a imersão está mais para um mergulho com foco no idioma, e apenas nele, não necessitando viajar para ter contato com a língua nova. A língua pode e está ao nosso redor.

Sedycias (2000, p. 6 apud TONDELLI, 2005, p. 28) diz que a imersão

[...] é uma oportunidade para crescer tanto pessoal quanto profissionalmente, sendo tal experiência considerada uma das melhores formas de aperfeiçoamento na língua alvo e para o entendimento de outras culturas. Seria basicamente pôr em prática, vivenciar, o que geralmente se

(83) 3322.3222

contato@conbrale.com.br

www.conbrale.com.br

aprende na teoria por meio de livros. É imergir na língua que apresenta toda a cultura de determinados grupos do outro país. É vivenciar de forma mais intensa a língua e a cultura em que se está inserido, acelerando, assim, o processo de aprendizado.

Visando o lado “pesquisa” este trabalho tem o objetivo de medir a eficácia da imersão em solo brasileiro, mesmo sendo apenas por um dia; analisar a reação dos alunos quando imersos na cultura e língua estrangeira; e retirar conclusões sobre a prática da oralidade. Em contrapartida, pedagogicamente raciocinando, pretende-se instigar confiança aos alunos quando sujeitos a falarem inglês. Por este motivo o projeto contrariou o ensino estigmatizado de gramática, já que “o ensino de línguas não se limitaria apenas a ensinar gramática como que essa fosse capaz de dar conta da totalidade complexa que é uma língua” (ROSA, 2011), pois

[...] a língua, por ser atividade interativa, direcionada para a comunicação social, supõe outros componentes além da gramática, todos, relevantes, cada um constitutivo à sua maneira e em interação com os outros. De maneira que uma língua é uma entidade complexa, um conjunto de subsistemas que integram e se interdependem irremediavelmente. (ANTUNES, 2007, p. 40).

Assim, se articulou um trabalho focado em mesclar as habilidades de fluência (*listening, speaking, writing e reading*), simulando o cotidiano de uma verdadeira imersão no exterior.

2. O “PROJETO: IMERSÃO POR UM DIA”

2.1. PGM

O Programa Ganhe o Mundo fora iniciado em meados de 2011 durante a gestão do ex-governador do estado de Pernambuco: Eduardo Campos. Supervisionado pelo Governo do Estado, visa ofertar a 25 mil alunos do ensino médio da Rede Estadual, gratuitamente, um ano de curso intensivo de língua inglesa ou espanhola. É oferecido aos 1000 alunos mais aplicados um intercâmbio em escolas públicas ou privadas de países parceiros (Canadá, Estados Unidos, Austrália, Nova Zelândia, Argentina, Espanha e Chile) que têm como língua o inglês ou o espanhol. Depois de seis meses de frequência, as provas de idioma, português e matemática são realizadas, requisitos como: idade, vínculo na escola, notas acima da média e frequência escolar, são solicitados para concorrer. A viagem, com duração de um semestre letivo tem o objetivo de aumentar a fluência na língua e promover

troca de culturas. Com o auxílio de agências de intercâmbio, toda a burocracia de documentação é coberta, desde passaporte e seguros até acomodação. Com o término do intercâmbio e curso, o pós-intercambista deve realizar um projeto envolvendo eixos culturais que unem ou separem os dois países (Brasil e o país de destino).

O chamado “Projeto: Imersão por um dia” se tratou de um dia/uma aula focada no ensino da Língua Inglesa, realizado no curso promovido pelo Estado de Pernambuco, o Programa ganhe o mundo (PGM).

Constantemente, ouve-se de pós-intercambistas do PGM, reclamações sobre não praticar o idioma após o intercâmbio, todavia gostariam de o fazer. Concomitantemente observava-se, nos alunos, dificuldades relacionadas a falta de prática da língua, decorrente de um aprendizado que não lhes permitia tal habilidade. Manifestando-se assim a ideia de criar o projeto e unir as duas problemáticas para gerar uma solução.

Todos os pós intercambistas convidados participaram de forma voluntária da nossa pesquisa, em que estariam pondo em prática a língua, como desejavam, e coincidentemente contribuindo na realização do projeto.

3. METODOLOGIA

Esta pesquisa foi realizada na EREM Jarina Maia na cidade de João Alfredo – PE, numa turma do curso PGM, com carga horária de duas horas. Esta, cursava o 2º ano do ensino médio.

A escolha da turma nível *Basic 2* foi estratégica: não se tratavam de alunos principiantes, podendo salientar inúmeras dificuldades – próprias de iniciantes seja qual for – adversas ao propósito da imersão¹ (do projeto); e ao mesmo tempo não eram alunos avançados, para considerarem a proposta atrasada e, hipoteticamente, formularem perguntas do tipo “Por que não fizeram isso antes?”, “Agora que já estamos no fim é que inventam isso”, “Deviam ter começado isso antes”, etc.

Poucas ferramentas foram utilizadas para a execução do projeto. Data show e afins não fizeram parte da aula, uma vez que não são equipamentos encontrados fora de contextos específicos.

¹ Não oprimindo a imersão nas fases iniciais. Justamente pelo contrário, a imersão desde o prelúdio seria altamente eficaz. Porém, a realização do projeto na turma do *Basic 2* foi pensada estrategicamente como forma de economizar tempo na análise e obtenção dos resultados.

3.1. Organização do projeto

Reuniram-se um total de 04 (quatro) pós-intercambistas do PGM para operar no projeto: Fábio José de Abreu Moura (Canadá – 2014.1); Maria Vitoria Alves Vila Nova (Canadá – 2014.1); Lucielle de Farias Silva (Canadá – 2013.2); e Lívia Alinda da Silva Pinto (Canadá – 2017.2).

A pesquisa pode ser dividida em três etapas para a compreensão de sua realização:

3.1.1. Pré-projeto

Antes da realização, foi necessário esquematizar “o que” e “de que forma” aconteceria.

- A cada um dos monitores coube o papel de preparar uma rápida introdução pessoal e relatar um pouco da experiência no exterior. Esse seria o único momento onde usariam a língua materna, após esse momento até o fim da aula deveriam usar naturalmente o máximo de inglês possível.
- Elaboração de um questionário com o propósito dos monitores respondê-lo baseado na experiência posteriormente.
- Determinação de temas para cada um dos quatro monitores. Desta forma, estavam encarregados de iniciarem debates e rodas de conversa sobre seu respectivo tema (assim estariam testando a riqueza vocabular dos alunos; como se adaptariam a situações desafiadoras; e quais recursos usariam para enfrentar possíveis dificuldades). Ficou proposto as seguintes áreas de debate: rotina; animais; sonhos; e comidas.
- Para trabalhar todas as habilidades além do *speaking* e *listening* foi proposto a elaboração de atividades para simular o dia a dia no exterior. Pensou-se na elaboração de panfletos, por exemplo, pelo monitor do tema “Sonhos”, o qual simulava fazer parte de uma agência de viagem. Enquanto transitava de um grupo a outro, distribuiria os panfletos, ativando a habilidade *reading*. Caso alguém se interessasse por seu “produto” precisaria preencher um formulário (em inglês) ativando o *writing*; outra proposta foi dada pelo monitor “Rotina”, este escrevia cartas para a família semanalmente, contando um pouco sobre como foi a semana. Ele sugeriu a produção de uma carta, aos

alunos, para a sua família (fictícia) saber que havia feito novos amigos, assim ao mesmo tempo que lia a carta (*reading*) estaria contribuindo em sua composição (*writing*).

Conforme JING (2006, p. 5; tradução nossa): “Uma combinação de atividades envolvendo diferentes habilidades aumenta o foco na comunicação realista, tornando os alunos mais motivados e mais envolvidos e engajados com entusiasmo nas atividades em sala de aula²”.

3.1.2. Realização do projeto

Cabe aqui a descrição do passo a passo realizado no dia do projeto.

- Foi feito um círculo na sala com intuito dos monitores transitarem melhor.
- Auto apresentação dos monitores, assim como um breve relato de experiência sobre o intercâmbio pelo PGM.
- Divisão de grupos baseado na quantidade de monitores, desta forma sempre haveria um em cada grupo. Naquele dia, 07/03/2018, 24 (vinte e quatro) alunos compareceram à aula, dividindo 6 (seis) deles para cada equipe. Eles deveriam estar em grupos na posição *em pé*, para não se sentirem acomodados e desmotivados na cadeira. De acordo com o portal SAGE NFe (2014) “O simples fato de ficar em pé já pode significar uma forma de atividade para o corpo, trazendo também efeitos positivos para a concentração e produtividade”.
- Grupos formados, monitores em cada um deles, a imersão é iniciada. A dinâmica da aula funciona com a alternância dos monitores de um grupo a outro em tempo cronometrado, dessa maneira poderiam participar todos, expondo seus objetivos pré-estabelecidos.
- Enquanto ocorria a imersão, a docente da turma, Maria Carolliny de Oliveira Silva, também pós intercambista (Canadá – 2014.2), fazia o trabalho de supervisionar o andamento do projeto, e mantendo suas próprias anotações.

² “A combination of activities involving different skills enhances the focus on realistic communication, which makes the students be more motivated and more involved and engaged enthusiastically in classroom activities”.

3.1.3. Pós-projeto

- Após o encerramento da aula, era hora de recolher informações dos monitores com a aplicação do questionário antes formulado. Feito individualmente de modo oral e gravado por um aparelho celular – disponível em RESULTADOS E DISCUSSÕES.
- Do mesmo modo, informações foram recolhidas dos próprios alunos, por meio de uma rápida roda de conversa.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao final do projeto, durante a coleta de dados, foi obtido os seguintes depoimentos:

- LIVIA ALINDA DA SILVA PINTO (CANADÁ 2017.2) Food

1- O que foi preciso fazer para que os alunos se engajassem na conversa e alcançassem o objetivo do projeto?

R= “Brincar com eles, contar piadas e deixar eles se sentirem à vontade. Porque na escola a gente não pratica o inglês, só escrevemos e traduzimos. Tive poucas professoras que se preocupavam em como a gente falava o inglês e quando a gente não sabe, a gente fica desconfiado e não quer falar. Eu também era assim, mas eu costumo praticar com minha irmã em casa que tá ali naquele grupo”.

2- Tratando-se da sintaxe da língua, sua organização estrutural e concordância, de que forma foi observada a língua oralizada?

R= “Eles cometem erros bem bobinhos. Esquecem de usar as pessoas e os artigos, mesmo vendo o verbo *to be* o ano todo acabavam querendo colocar ele sempre no *simple present*. Tem uns errinhos que eu me sinto incomodada, porque eu sei que eles escrevem melhor do que falam, porque quando a gente passa para o papel, pensamos mais, quando a gente fala não, é uma coisa direta e tal”.

3- De que forma se deu a evolução dos alunos?

R= “Com o passar do tempo eles perderam a vergonha e conversaram bastante comigo, foi bem legal. Eu vi um garoto bem tímido,

esqueci até o nome dele é José alguma coisa, ele parecia ser bem tímido, mas eu puxei assunto e me surpreendeu bastante o domínio dele no vocabulário de temperos, daí eu perguntei né, como ele sabia dessas coisas, porque a gente encontra pouquíssima coisa no material, ele disse que gosta de ver vídeos no youtube falando sobre comida, trocamos alguns canais, foi massa”.

4- Exemplifique dificuldades apresentadas quanto ao seu tema. Foi mais difícil para os alunos falarem ou compreenderem sobre?

R= “Um pouco de cada, tem certas comidas que é bem mais fácil falar sobre tipo *fast food*. Eles sabem falar do que gostam no *hamburger* e *hot dog*, mas se eu for falar sobre as diferenças entre essas comidas daqui e de lá do Canadá, acho que vão ficar algumas coisas soltas. Mas falar sobre comida foi fácil até eu começar a dizer os ingredientes, porque é uma coisa que não vemos sempre nas aulas, o professor tem que trazer com curiosidade ou você pode ser como José e ver vídeos sobre isso”.

5- Que outras sugestões você daria para o projeto em outras edições?

R= Acho que seria legal fazer isso mais vezes, tipo uma vez ao mês ou em outros lugares, tipo uma lanchonete, fazenda, lado de fora da escola para mostrar como se diz cimento, cerâmica, portão, essas palavras simples que a gente nunca sabe. Tipo trazer isso mais para fora da sala, a gente passa o dia todo na sala e mais duas horas de curso fica cansado de tanto olhar para a cara do professor, então sair um pouco e ter novas... paisagens é massa. Como a gente fez uma vez na aula, a professora de inglês levou a gente pro jardim da escola e ensinou alguns verbos, nomes de plantas e expressões, foi bem divertido.

- MARIA VITÓRIA ALVES VILA NOVA (CANADÁ – 2014.1) *Animals*

1- O que foi preciso fazer para que os alunos se engajassem na conversa e alcançassem o objetivo do projeto?

R= Tive primeiro de mostrar minhas inseguranças quando estava aprendendo a língua e deixar em evidência alguns erros, cujo os nativos cometem. Tentei mostrar algumas situações onde tive dificuldade falando e para entender mesmo. Eu acho que o ideal é colocar um pouco de confiança na cabeça deles, mostrar que sabem.

2- Tratando-se da sintaxe da língua, sua organização estrutural e concordância, de que forma foi observada na língua oralizada?

R=As marcas do português não desgrudam deles, é incrível como isso acontece. Variâncias do *th* e *sr* próximos na palavra são difíceis de falar, principalmente para a gente, porque esses fonemas não existem na língua portuguesa. E outra coisa engraçada é a teimosia de querer traduzir tudo ao pé da letra.

3- De que forma se deu a evolução dos alunos?

R=No começo eles ficaram bem tímidos e não queriam falar, mas aí eu comecei a mostrar fotos dos meus cachorros e eles começaram com frases pequenas e com o passar dos minutos estavam falando sobre seus animais ou histórias engraçadas.

4- Exemplifique dificuldades apresentadas quanto ao seu tema. Foi mais difícil para os alunos falarem ou compreenderem sobre?

R= Falar é sempre mais complicado. Eles sabem o nome de animais domésticos e alguns selvagens, mas as partes do corpo dos animais não são tão focadas, então quando eu disse algumas características dos meus cachorros, como cor do pelo eles não entenderam bem, pelo contexto deu sim para pegar o sentido, mas não sabiam o significado de *fur*, aí tive que desenhar. Acho que não tiveram essa aula ainda.

5- Que outras sugestões você daria para o projeto em outras edições?

R= Realizar isso como uma prova oral, conversar é mais válido do que fazer as perguntas diretamente, nos faz sentir menos oprimido. Falar em exercícios com os amigos já é tenso, imagina só você falar em inglês valendo nota. E isso pode ser uma preparação, porque eu estava conversando com eles e percebi o tamanho do medo de chegar no exterior e não entender, porque o pessoal fala mais rápido, e acabar respondendo errado.

- FÁBIO JOSÉ DE ABREU MOURA (CANADÁ – 2014.1) *Daily Routine*

1- O que foi preciso fazer para que os alunos se engajassem na conversa e alcançassem o objetivo do projeto?

R= Foi preciso um pouco de esforço para trazê-los para a conversa, mas, quando perceberam que se tratava de algo conhecido, por serem perguntas pessoais, deduziram que seria fácil. É com certeza um tema bastante

trabalhado em sala, então, já conheciam do que estava sendo abordado, e puderam também falar sobre com facilidade. De todos os temas, talvez este tenha sido o mais simples para eles.

2- Tratando-se da sintaxe da língua, sua organização estrutural e concordância, de que forma foi observada na língua oralizada?

R= Percebi a dificuldade na separação de singular e plural na fala deles. Na escrita se saíram super bem, mas, me parece, que ao tentarem uma comunicação automática, sem tempo para revisar a gramática acabaram tropeçando em alguns detalhes. Por exemplo, formularam sentenças como “*You is very nice*” ao invés de “*You are very nice*” ou “*We was at my grandmother’s farm*” ao invés de “*We were at my grandmother’s farm*”.

3- De que forma se deu a evolução dos alunos?

R= Aos poucos o bloqueio existente foi desaparecendo e eles começaram a tentar sem medo de errar, algo muito importante para que eles posteriormente estivessem conversando entre si em inglês e não somente com os monitores.

4- Exemplifique dificuldades apresentadas quanto ao seu tema. Foi mais difícil para os alunos falarem ou compreenderem sobre?

R= Foi um pouco confuso para eles o uso correto dos tempos verbais. E alguns vocabulários em relação a lugares que foram durante a semana. Mas, de modo geral, foi bem tranquilo. A dificuldade estava em se expressar de forma natural. Como já falei anteriormente, se trata de um assunto muito trabalhado em sala, dando a impressão de que haviam decorado o que dizer.

5- Que outras sugestões você daria para o projeto em outras edições?

R= Eu sugeria que o projeto fosse realizado em mais de uma aula. Assim muitos outros pontos poderiam ser abordados. Foi uma aula muito rica, mas acredito que com mais tempo teria sido ainda mais proveitoso.

- LUCIELLE DE FARIAS SILVA (CANADÁ – 2013.2) *Dreams*

1- O que foi preciso fazer para que os alunos se engajassem na conversa e alcançassem o objetivo do projeto?

R= Eles não queriam participar, mas só precisei começar a fazer perguntas direcionadas que aos poucos começaram a dar os primeiros passos até o entrosamento.

2- Tratando-se da sintaxe da língua, sua organização estrutural e concordância, de que forma foi observada na língua oralizada?

R= Notei alguns erros de plural e singular, e alguns quanto a escolha do pronome. Mas alguns deles fizeram uma bagunça com o “*too*”, “*also*” e “*as well*” que todos significam também, mas com algumas regrinhas de uso. Claro, não foi nada aterrorizante, mas precisa ser um pouco mais trabalhado.

3- De que forma se deu a evolução dos alunos?

R= Esperávamos que os alunos ficassem acanhados e se sentissem tímidos, e fora o ocorrido. No entanto, logo entraram na *vibe* do projeto. A maioria evoluiu consideravelmente. Acho que era uma questão de tempo para nos verem como amigos.

4- Exemplifique dificuldades apresentadas quanto ao seu tema. Foi mais difícil para os alunos falarem ou compreenderem sobre?

R= Percebi que eles acharam complicado compreender enquanto eu explicava sobre a agência e seus planos de viagem. Talvez porque eu estava empolgada e estava falando rápido. Quando percebi minha falha, tratei de repetir a mesma coisa de diferentes formas, com intuito de não criar a expectativa de todo o nativo falar pausadamente, e ao mesmo tempo me preocupei que eles compreendessem o que eu dizia.

5- Que outras sugestões você daria para o projeto em outras edições?

R= Sugiro que ocorra com mais frequência mais aulas do tipo, é muito produtivo. Eu irei ajudar, com certeza!

A partir da experiência e dos depoimentos, foi possível diagnosticar problemas que pareciam não existir. Se fez de extrema importância para entender quais aspectos precisavam ser revisados e quais erros foram pertinentes para a maioria deles. Após estas observações a docente por meio de suas anotações, destacou justamente esses pontos necessitados de ajuste e prática. Ela afirmou estar “mais ciente da realidade dos alunos” e poderia a partir dali preparar aulas mais eficazes e objetivas.

Além do questionário respondido pelos pós-intercambistas, a docente ainda recolheu opiniões dos alunos. As frases “Foi ótimo!”, “Gostei muito.”, “Quero de novo!” se repetiram em praticamente todas as falas. Ainda, em encontros regulares posteriores ao projeto, os alunos vez ou outra comentavam sobre e pediam a repetição do projeto. Os estudantes afirmaram terem se sentido capazes e com mais vontade de aperfeiçoar a língua após a aula de imersão.

Em suma, o método utilizado no projeto tem como base os métodos comunicativos que

[...] têm em comum como característica – o foco no sentido, no significado e na interação propositada entre sujeitos na língua estrangeira. O ensino comunicativo organiza as experiências de aprender em termos de atividades relevantes/tarefas de real interesse e/ou necessidade do aluno para que ele se capacite a usar a língua/alvo para realizar ações de autênticas na interação com outros falantes-usuários (PORTELA, p. 63)

conforme Davis & Pearse (2000, p. 99, apud JING, 2006, p. 1; tradução nossa): “O real sucesso no ensino e aprendizagem em língua inglesa só acontece quando os alunos, na verdade, podem se comunicar em inglês dentro e fora da sala de aula”³.

A reprodução de um projeto como esse em outros ambientes, pode ser difícil, principalmente, para encontrar voluntários com fluência na língua estrangeira. Porém, outros métodos podem ser utilizados: o professor, por exemplo, pode fazer o papel de todos os voluntários, ele só precisaria encontrar uma forma de manter os outros grupos ocupados enquanto transita entre eles. Para isso, poderia aplicar atividades de *reading* e *writing* nos grupos de sua ausência.

5. CONCLUSÃO

O ensino de línguas sofre de variados estigmas, e justamente por este motivo que é de grande importância combater estes tabus. A imersão, de mesmo modo, é tomada por “irreal” ou “inalcançável”, possível somente fora do país. No entanto, uma imersão no próprio país pode resultar mais eficaz. Levando em consideração fatores financeiros, disponibilidade ou autoconfiança, a oportunidade de mergulhar numa nova língua em sua “própria terra” é de fato muito efetivo.

³ Real success in English teaching and learning is when the learners can actually communicate in English inside and outside the classroom”

A partir desse projeto, é reconhecido o quanto a prática da imersão é importante, podendo ser levada também para as aulas regulares de línguas estrangeiras da escola, uma vez que, os alunos participantes já faziam parte do ambiente escolar propriamente dito. Haveria um pouco mais de dificuldades, pois é sabido dos empecilhos sob às línguas estrangeiras ensinadas nas escolas (turmas excessivamente grandes e falta de interesse pela língua estrangeira por parte dos alunos, por exemplo), ademais os alunos participantes do PGM possuem certa apreciação pela nova língua. No entanto, vale a pena um esforço a mais por parte do professor em planejar melhor sua aula, adotar uma metodologia adequada e assim poder aumentar o valor da L2 no ensino escolar.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho**. São Paulo: Parábola, 3º ed. 2007.

JING, Wu. Integrating Skills for Teaching EFL —Activity Design for the Communicative Classroom. In: **Sino-US English Teaching**. USA: v. 3, n. 9 dec. 2006. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/39417248/Integrating-Skills-for-teaching-a-foreign-language#scribd>. Acesso em 09 jan. 2018.

PORTELA, Keyla C.A. - **Abordagem comunicativa na aquisição de língua estrangeira**. Disponível em: <http://saber.unioeste.br/index.php/expectativa/article/viewFile/84/294> Acesso em: 01 mar. 2018.

ROSA, M. F. **MUITO ALÉM DA GRAMÁTICA: por um ensino de línguas sem pedras no caminho, de Irandé Antunes, 2007**. 2011 Disponível em: <http://cruzandolettras.blogspot.com.br/2011/10/muito-alem-da-gramatica-por-um-ensino.html> Acesso em: 13 fev. 2018

SAGE ONE. **Torne suas Reuniões mais produtivas ficando em pé!** Disponível em: <https://br.sageone.com/2014/11/19/torne-suas-reunioes-mais-produtivas-ficando-em-pe/> Acesso em: 13 mar. 2018

TONDELLI, M. F. **A influência da língua estrangeira na empregabilidade de profissionais da área tecnológica no setor industrial: um estudo exploratório na região norte do Paraná**. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Ponta Grossa, 2005. 90 f. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp037465.pdf> Acesso em: 14 jan. 2018.